

# TRANSGRESSÕES HUMANAS: PECADO E SENTIMENTO DE CULPA

(2006)

**Deomara Cristina Damasceno Garcia**  
Psicóloga Clínica (São Paulo, Brasil)

**Contactos:**  
[deomara@hotmail.com](mailto:deomara@hotmail.com)

---

## RESUMO

De acordo com o referencial cristão-católico, tem-se que pecado é um ato contrário à razão, à verdade, à consciência reta, que fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Do pecado, resultam inclinações perversas que obscurecem a consciência e corrompem a avaliação concreta do bem e do mal. Do ponto de vista da psicologia, a culpa significa aquilo que carece e falta, algo que sempre e perpetuamente falta na vida do ser humano. Neste estudo, consideramos a visão do mundo ocidental em relação ao pecado, portanto não foi analisado nenhum preceito oriental.

**Palavras-chave:** Culpa, pecado, psicologia, religião católica

---

## CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O homem é um ser bio-psico-social e espiritual, um indivíduo holístico, de corpo, alma, mente, afetividade, emoções, um ser capaz de se desenvolver e transformar o que produz em aspectos positivos e negativos. Suas contribuições podem acarretar benefícios, por exemplo, o aprimoramento e aperfeiçoamento das artes – pintura, poesia, música, dança – desenvolvimentos científicos, a defesa da liberdade de pensamento e de ação. Por outro lado, as conseqüências maléficas também podem ser visíveis: a violência, a miséria, o medo, a solidão, a desesperança, a desilusão dos mais desprotegidos. Tudo isto são expressões de uma civilização que, apesar do avanço científico e do desenvolvimento tecnológico, atualmente, está recorrendo mais e mais à

profecia de alguma crença religiosa, como forma de amenizar os reflexos dessa sociedade repleta de movimentos contraditórios.

Pode-se notar que a própria cultura é avassaladora da individualidade e, de certa forma, a sociedade nos mata de culpa: sentimo-nos culpados por não termos emprego, não termos um apartamento, não sermos esbeltos ou atraentes - como dita a regra – ou, até mesmo, culpados por conseguir o que queremos ou sermos felizes. Conseqüentemente, os indivíduos sentem-se socialmente fracassados e procuram manter a aparência sendo culturalmente ou profissionalmente bem sucedidos.

No enfoque psicanalítico, podemos dizer que existe uma dicotomia entre o que o indivíduo gostaria de ser - Eu ideal – e o que realmente ele é – Eu real – acarretando, desta forma, o sentimento de culpa pelo fato de ser o que não se é – culpa existencial. No aspecto religioso, esse sentimento de culpa parece originar-se do não cumprimento das regras advindas das leis morais “divinas”. A idealização do ser humano, como ser correto, preciso e virtuoso, é desmistificada. O homem é tomado como um pecador, ou seja, aquele que cometeu um ato contrário à verdade, ferindo a si e/ou ao próximo, acarretando-lhe a culpa e surgindo a necessidade de se confessar para livrar-se desse mal.

Desta forma, vivemos numa situação paradoxal: de um lado a exaltação do instinto (desejo) e do outro, a exaltação da lei (realidade). “Passou-se da exaltação do instinto, como único critério de ação (para o qual tudo é lícito, tudo é permitido), para a exaltação da lei, do ‘ser adequado para’ (...). Todos são impelidos a fazer o que bem lhes parece, mas, se erram, se ultrapassam os limites, o peso da lei cai sobre suas cabeças” (Carrón, 1998 *in* Silva, 2003).

A noção de culpabilidade é extremamente complexa porque envolve diversos aspectos, entre eles: o filosófico, teológico e o psicológico. Este termo liga-se ainda ao conceito de angústia, um mal-estar interno. Tanto a culpa quanto a angústia têm suas origens no conjunto do desenvolvimento afetivo, mas não são exclusivas de nenhuma fase do desenvolvimento da personalidade.

Esta pesquisa tem o intuito de verificar o papel do sentimento de culpa e do pecado na vida humana, assim como suas causas e conseqüências, ou seja, proporcionar melhor entendimento desses termos e as possíveis relações estabelecidas entre o remorso advindo do pecado e a angústia advinda do sentimento de culpa.

## **Moral, pecado e virtude**

Para melhor compreensão deste estudo, é necessário definir a concepção de moral, pecado e virtude dentro do contexto cristão-católico. De acordo com Santo Tomás de Aquino, a moral deriva da natureza ou essência do ser humano e toda a criação, não tem origem em si mesma, mas é *obra de toda a Santíssima Trindade*: do poder Criador do Pai, através da inteligência do Verbo, que dá leis às criaturas. Esta concepção de moral da Igreja Católica, presente no *Novo Catecismo da Igreja Católica* (CC), está centrada na antropologia filosófica e na ética de Santo Tomás de Aquino e está voltada para a realização do próprio homem (Silva, 2003).

O pecado é visto como um ato contrário à razão, à verdade, à consciência reta. Fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Pode-se distinguir os pecados segundo o seu objeto, como em todo ato humano, ou segundo as virtudes a que se opõem, por excesso ou por defeito, ou segundo os mandamentos que eles contrariam. Pode-se dividi-los em pecados por pensamento, palavra, ação ou omissão, e segundo o catecismo, a raiz do pecado está no coração do homem, em sua livre vontade (CC, 1993).

Entende-se por virtude uma disposição habitual e firme para fazer o bem, permitindo à pessoa não só praticar bons atos, mas dar o melhor de si. A pessoa virtuosa tende ao bem, persegue-o e escolhe-o na prática. As virtudes humanas são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade que regulam nossos atos, ordenando as nossas paixões e guiando-nos segundo a razão e a fé. Propiciam facilidade, domínio e alegria para levar uma vida moralmente boa (CC, 1993).

De acordo com o Catecismo Católico (1993), o pecado cria uma propensão ao pecado, pois tende a reproduzir-se e a reforçar-se - mas não consegue destruir o senso moral até à raiz - gera o vício pela repetição dos mesmos atos. A repetição dos pecados, mesmo veniais, produz vícios, entre os quais avultam os pecados capitais. São denominados capitais (do *latim*: *cabeça*) porque geram outros vícios, são eles: orgulho, avareza, inveja, ira, impureza, gula, preguiça. Do pecado, resultam inclinações perversas que obscurecem a consciência e corrompem a avaliação concreta do bem e do mal.

## **Sentimento de culpa e angústia**

Considerando o aspecto psicanalítico, Freud (1907) relata que aquele que sofre de compulsões e proibições, comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual nada sabe, trata-se de um *sentimento inconsciente de culpa*, originado de certos eventos

mentais primitivos, constantemente revividos pelas repetidas tentações que resultavam de cada nova provocação.

Dentro deste contexto, têm-se a angústia e a culpa como fatores dominantes na vida dos seres humanos. A palavra alemã *Angst* poderia estar ligada à latina *Angústia* e à grega *Ancho* significando estreiteza, apertado e estrangulado. A angústia do parto pode ser tomada como a primeira angústia na vida humana, ou seja, a causa primária das angústias posteriores, como a angústia dos oito meses dos lactentes perante estranhos, o medo dos objetos com os quais tiveram experiências desagradáveis, o medo dos pais que repreendem, dos professores, das autoridades, do destino e, finalmente, a causa até do medo de Deus (Boss, 1981).

*Schuld* – Culpa – deriva da palavra do antigo alemão *Sculd*. Significa aquilo que carece e falta, algo que sempre e perpetuamente falta na vida do ser humano. A criança “deve” respeito e obediência aos pais; o jovem “deve” ao professor o cumprimento das lições; o adulto “deve” ao Estado a ajuda para o aumento do potencial econômico dos meios de produção; o fiel “está em falta” com o cumprimento dos preceitos religiosos e o descrente “deve” ao destino o suportar de toda uma vida (Boss, 1981).

Cada angústia humana tem um “de que”, do qual ela tem medo e um “pelo que”, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um “o que que ela deve” e um “credor” ao qual ela está devendo, ou seja, trata-se de uma dívida, onde “eu devo alguma coisa para alguém”. Como a culpa é aquilo que carece e falta, a essência da culpabilidade humana só pode ser entendida face à plenitude e realização da existência humana. Nesse sentido é preciso saber sobre nossas compreensões psicológicas e médicas da condição total da essência humana. Principalmente, porque o ser humano se mostra como sendo aquele ser do qual o nosso mundo precisa e necessário para poder aparecer e poder ser. É este se deixar necessitar que o ser humano “deve” àquilo que “é” e que “há de ser”. É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se neste ficar-a-dever, que é a culpabilidade existencial do ser humano (Boss, 1981).

Neste sentido, podemos fazer um paralelo às idéias de Freud (1907), quanto ao sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos. Segundo o autor, esse sentimento corresponde à convicção dos indivíduos piedosos - miseráveis pecadores - e as práticas devotas (orações, invocações) com que tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa. Os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como uma proteção contra a tentação e, em parte, como proteção contra o mal esperado. Essas medidas de proteção logo parecem tornar-se insuficientes contra a tentação, surgindo então as proibições, cuja finalidade é manter à distância as situações que podem originar tentações (Freud, 1907).

O simbolismo e os pormenores dos atos obsessivos resultam de um deslocamento, da substituição do elemento real e importante por um trivial e é inegável, que também no campo religioso, exista uma tendência para o deslocamento de valores psíquicos, de forma que os cerimoniais triviais da prática religiosa gradualmente adquirem um caráter essencial, tomando o lugar dos pensamentos fundamentais – como forma de aliviar seu “dever” no cumprimento dos preceitos religiosos. Diante dessas comparações, Freud (1907) descreve a neurose obsessiva como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.

Para Freud (1907), a formação da religião parece basear-se na supressão, na renúncia de certos impulsos instintuais, que não são exclusivamente do instinto sexual, mas sim, instintos egoístas, socialmente perigosos. A influência do instinto reprimido é sentida como uma tentação e durante o próprio processo de repressão gera-se ansiedade que adquire controle sobre o futuro, sob a forma de ansiedade *expectante*.

O sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a ansiedade expectante, sob a forma de temor da punição divina, nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. Na realidade, as recaídas totais no pecado são mais comuns entre indivíduos piedosos do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa: os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva (Freud, 1907).

Por outro lado, Boss (1981) ressalta que a culpabilidade humana não pode mais ser reduzida a sentimentos de culpa psicológicos meramente subjetivos ou até adestrados de fora, que possam ser eliminados analiticamente. O ser humano é essencialmente culpado e assim permanece até sua morte. Por exemplo, os filhos se tornam conscientes de culpa apenas quando não cumprem uma ordem ou quando transgridem uma proibição e esperam um castigo. Mesmo atrás da obediência que os seres humanos devem a seus Deuses ou a seu Deus, continua o medo de castigos infernais (Boss, 1981).

### **Lei interior, Identificações e Superego**

No Catecismo da Igreja Católica (1993), “a educação da consciência é uma tarefa de toda a vida. Desde os primeiros anos alertam a criança para o conhecimento e a prática da lei interior reconhecida pela consciência moral. Uma educação prudente ensina a virtude, preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos sentimentos de culpabilidade e dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas. A educação da consciência garante a liberdade e gera a paz do coração”.

Segundo Freud (1923b), os principais elementos do lado superior do homem - a religião, a moralidade e um senso social – foram originalmente uma só coisa, adquiridos a partir do complexo paterno (hipótese apresentada em *Totem e Tabu*), ou seja, a religião e a repressão moral – mediante a necessidade de dominar o próprio Complexo de Édipo – e o sentimento social – mediante a necessidade de superar a rivalidade que permaneceu entre os membros das gerações mais novas.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1923b) postula que o “pecado” continua agindo em cada um, acarretando o sentimento de culpa pelo assassinato do pai. Este acontecimento seria revivido por cada ser humano de forma inconsciente no Complexo de Édipo, caracterizado pelo desejo do filho de possuir a mãe e a interdição do incesto pelo pai. O pai é visto como um rival e, portanto deve ser eliminado. Mas este pai, que é visto como rival, não é o pai real. A eliminação refere-se à figura do pai, ao símbolo da interdição do incesto. Essa interdição paterna é introjetada originando o Superego, uma das três instâncias da personalidade. Trata-se da instância de culpa, onde a culpabilidade será reconhecida como angústia por haver infringido uma interdição.

Tem-se que os primeiros sentimentos de culpa são inculcados nas crianças pelos pais através de ordens e proibições. As imagens dos pais repreensivos são projetadas cada vez mais para fora. Seus mandamentos e suas proibições são introjetadas no próprio interior, na consciência ou no Superego. Desta forma, o indivíduo se sente culpado e pecaminoso diante do seu professor, das autoridades e finalmente diante de Deus (Boss, 1981).

À medida que a criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade, suas proibições permanecem poderosas no ideal do Ego e continuam, sob a forma de consciência a exercer a censura moral. O auto-julgamento é quem declara que o Ego não alcança o seu ideal e produz o sentimento religioso de humildade a que o crente apela em seu anseio (Freud, 1923b).

Freud (1923a) examinou mais detalhadamente o sentimento de culpa sob diferentes condições, não apenas àquele que se referia ao sentimento de culpa normal, consciente, mas à expressão de uma condenação do Ego pela instância crítica (Superego), por exemplo, nos sentimentos de inferioridade, onde o ideal do Ego demonstra severidade particular e dirige sua ira contra o Ego.

A idéia fundamental da qual necessitamos para compreender o ponto de vista psicanalítico é a de que o próprio sujeito é constituído por um conjunto de identificações, que estruturam as diversas instâncias da personalidade. Identidade nos remete à sensação subjetiva de que “eu sou eu”. A identidade está visceralmente ligada à idéia de uma diferença entre um dentro e um fora, separados inicialmente pela pele que reveste o corpo. A idéia da proposição “eu sou

eu” é “eu não sou os outros” ou “os outros não são eu”, com a conseqüente inferência de que “cada outro é um eu”, habitando seu próprio espaço, do lado de dentro de uma pele (Mezan, 1995).

É preciso distinguir as identificações estruturadoras do Ego – responsáveis pelo sentimento de identidade e pelos limites dentro dos quais poderá variar sem pôr em risco o funcionamento psíquico, daquelas denominadas normativas, que organizam o Superego e o ideal de Ego. A principal tarefa do Ego é negociar e mediar os conflitos, originados por exigências contraditórias impostas pelos demais inquilinos do espaço psíquico: exigências pulsionais do Id, exigências morais do Superego, exigências de desempenho do ideal do Ego, exigências de adaptação ou de modificação da realidade social veiculadas pelo próprio Ego.

O Superego é o herdeiro do complexo de Édipo e é a instância encarregada de zelar pela observância das normas culturais e dos valores inculcados pela educação. Ele mergulha suas raízes no inconsciente, criticando e observando o Ego e ameaça-o caso não se comporte segundo as regras impostas (Mezan, 1995).

Portanto, dentro do enfoque psicanalítico, o sentimento de culpa expressa um conflito existente entre o Id e o Superego, tendo como mediador o Ego - visto como uma pobre criatura que deve serviço a três grandes senhores: o mundo externo, a libido do Id e a severidade do Superego. O Id deseja uma determinada coisa e o Superego (onde estão alojados os valores dos pais e da cultura incorporados durante a infância) opõe-se ao cumprimento de tais desejos. Esse conflito estrutural a que chamamos de culpa é totalmente inconsciente; decorrente dele surge como sintomatologia psicopatológica à necessidade de punição ou de castigo (Kusnetzoff, 1982, p. 185; Noya e Garcia, 2002).

No grupo das instâncias ideais, pode-se distinguir o Superego ou instância das normas, das proibições e das regras, e o ideal do Ego, instância dos modelos, paradigmas e referenciais. Passa-se a compreender que o ideal do Ego surge da identificação com os modelos propostos pelos pais, enquanto que o Ego ideal é uma espécie de super-herói para consumo próprio, correspondendo a uma inflação do próprio Ego, o ideal do Ego se coloca frente, como um modelo que deve ser igualado, e que permanece a uma certa distância do Ego. Quando essa distância é suprimida, o sentimento subjetivo é de uma imensa felicidade. Mais freqüente é a percepção dolorosa da “vala” que se abre entre o que sou e o que almejo ser: é desta comparação que nascem os sentimentos de inferioridade (Mezan, 1995).

Tem-se, portanto, que a identidade é um magma instável de afetos e de representações, e que isto é inevitável, dada a necessidade de conciliar identificações incompatíveis entre si e conflitantes com os impulsos inconscientes que habitam a alma humana (Mezan, 1995).

## **Infrações inconsciente e consciente**

Torellò (1967) destaca que existem em algumas pessoas sentimentos de culpa que não correspondem à dor e à consciência do pecado, isto é, não há uma culpa objetiva. Esses sentimentos são objeto de estudo da psicoterapia. Muitos autores confundiram sentimento patológico de culpa com o sentimento do pecado, mas este erro é tão grosseiro como o de confundir Superego e a consciência moral. Para Freud, o sentimento de culpa nasce da infração às leis inconscientes do Superego, portanto, a sua raiz está no próprio inconsciente e o doente, que não conhece a sua angústia, projeta-a sobre faltas reais ou imaginárias. Para o autor, o remorso pelo pecado real é preciso, límpido, destacando-se com nitidez no espelho da consciência. Assim diante dessas colocações, nota-se que Torellò difere sentimento de culpa e pecado por infrações inconscientes e conscientes, respectivamente.

Desta forma, a religião não é, senão indiretamente, um meio de aperfeiçoamento do homem e de salvação de sua alma. Por outro lado, tem-se que o neurótico corre o grave risco de criar uma falsa espiritualidade, uma falsa moralidade, que o impedirá uma vida boa e progresso para a perfeição. Ele é guiado por motivações inconscientes de caráter egocêntrico, isto é, mais do que ao serviço de Deus e dos valores, funciona ao serviço do eu. O neurótico confunde assim o ideal perfeito com a impecabilidade, ama apenas o eu idealizado e ilude-se julgando amar o próprio ideal, sem encontrar paz e equilíbrio. Tem uma religião exclusivamente de temor angustioso de Deus e por isso é duro, rígido para com os outros, a quem procura impor, sem saber propor, o ideal.

O neurótico cumpre o dever, uma espécie de dever identificado consigo mesmo. Recorre a esse dever para fugir à angústia, como uma função sedativa, uma necessidade de segurança, um refúgio do narcisismo e do amor desordenado de si. Mostra sentimentos de culpabilidade independentes do mal realmente cometido e, assim, angustia-se por faltas sem importância, abandona-se facilmente à tristeza e aos sentimentos de insuficiência. O fato de que todas as psicoterapias reconhecem uma estreita relação entre as neuroses e a vida moral do sujeito levou a uma concepção na qual o psicoterapeuta seria um substituto do sacerdote e a psicoterapia, da confissão sacramental (Torellò, 1967).

Já para Freud, nem todo sentimento de culpa é patológico e o reconhecimento de uma culpa também pode envolver emocionalmente o culpado. Surgem para algumas pessoas as condutas autopunitivas, correlacionando o pecado à culpa, tendo como conseqüências imediatas o castigo e a punição. Podendo-se observar tais fatos principalmente no sentimento de culpa dos



neuróticos, que buscam nos atos cerimoniais, por exemplo, uma proteção contra o mal, mantendo à distância situações tentadoras (Freud, 1907).

Portanto do ponto de vista da psicanálise, quanto ao controle instintual, da moralidade, pode-se dizer que o Id é totalmente amoral; o Ego se esforça por ser moral e o Superego é supermoral e pode tornar-se tão cruel quanto somente o Id pode ser. É notável que, quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo e agressivo ele se torna em seu ideal do Ego. O padrão erigido pelo ideal do Ego parece ser o motivo para a supressão da agressividade (Freud, 1923a).

Assim, quanto mais um homem controla a sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu Ego. Isto funciona como um deslocamento, contra o próprio Ego, tanto que a moralidade normal e comum possui uma qualidade severamente restritiva e proibidora (Freud, 1923a).

Aos olhos da fé, nenhum mal é mais grave do que o pecado e nada tem conseqüências piores para os próprios pecadores. O perdão dos pecados e o movimento de volta a Deus são chamados Sacramento da Conversão (arrependimento), da Confissão, da Penitência ou da Reconciliação e implica uma dor e uma aversão aos pecados cometidos e o firme propósito de não mais pecar no futuro (CC, 1993).

Refletindo estes preceitos, a Bíblia nos mostra que a Lei não deve ser observada simplesmente por ser lei, mas por aquilo que ela realiza de justiça. Cumprir tal lei fielmente não significa submeter-se a uma burocracia escravizante, significa buscar nela inspiração para a justiça e a misericórdia, a fim de que o homem tenha vida e relações mais fraternas (Bíblia Sagrada, 1998).

Desta forma, é importante o reconhecimento da própria culpa, como fruto de uma autocrítica e reconhecimento da falta. Pois neste sentido, o homem toma consciência da ruptura existente entre o que desejaria ser - Eu-Ideal - e o que realmente é - Eu-Real. O remorso surge como uma primeira tentativa para aliviar essa dor, podendo levar o homem à harmonia interior ou ao desespero.

## **Objetivo**

Verificar o papel do sentimento de culpa e do pecado na vida do homem, assim como a existência de uma possível relação entre o remorso advindo do pecado e a angústia advinda do sentimento de culpa.

## Metodologia

A pesquisa teve o intuito de verificar o papel do sentimento de culpa e do pecado na vida humana, teve a contribuição teórica de diversos autores. As questões referiam-se ao entendimento dos indivíduos quanto ao sentimento de culpa e ao pecado. Foram entrevistados, aleatoriamente e individualmente, através de entrevistas semi-abertas, oito sujeitos do sexo feminino, cujas idades variavam de 19 a 48 anos.

## Resultados

Nas respostas dos sujeitos há uma relação direta entre pecado e sentimento de culpa, pois em ambos há uma transgressão de princípios e da moral, seja ela própria e/ou religiosa. O sentimento de culpa é o arrependimento por ter cometido algo errado a si ou em relação à outra pessoa, enquanto o pecado envolve um ato ou pensamento contrário àquilo que foi ensinado na doutrina cristã católica. Segue abaixo a fala de um dos entrevistados:

*“quando pequena e fazia alguma errada ou falava um palavrão, lembro-me de minha mãe dizer ‘Não faça ou não fale isso porque Deus castiga’, nunca me esqueço disso. Hoje, percebo que pecado ou culpa não têm nada a ver com castigo”.*

Diante da análise das respostas dos entrevistados, quanto ao sentimento de culpa, pecado, suas causas e conseqüências, concluímos que uma das características típicas do homem é, por um lado, se atribuir de culpa por se sentir infeliz ou por ter infringido qualquer lei, originando suas angústias e complexos de culpa. Conseqüentemente, questiona-se diante de tantas contradições e tenta buscar explicações em si ou na própria humanidade.

Percebe que se encontra envolvido num círculo vicioso: sente-se culpado e, ao mesmo tempo, os outros é quem são os culpados. De outro lado, ou podemos dizer, ao mesmo tempo, há o pecado, que surge como anúncio da finitude, um “não” a si e que tende a fazê-lo sentir-se estranho a si mesmo, a não querer progredir e a não querer chegar a si mesmo, tornando-se um ser solitário, enclausurado num falso “eu”.

Como forma de amenizar este dilema – remorso devido ao pecado e angústia frente ao sentimento de culpa – os entrevistados responderam que recorrem a duas possíveis soluções: a

busca de um sacerdote e/ou a busca de um psicoterapeuta. Tem-se no tratamento psicoterapêutico, um recurso que possibilita libertá-los de seus conflitos psicológicos, conduzindo-os a sua existência autêntica, levando em conta suas particularidades pessoais e suas leis individuais. Enquanto o outro importante recurso é o processo da confissão, vínculo firmado entre o pecador e o sacerdote, como uma forma de reorientar a consciência, renovar o indivíduo no íntimo do seu ser frente à transgressão dos valores religiosos.

Pode-se dizer que esses entrevistados não se sentem necessariamente pecadores. Há na base de seus conflitos um grave erro (pecaminoso ou não), que desencadeia um sentimento de culpabilidade, o qual pode ter ou não a ver com o remorso. O sentimento angustiante de culpabilidade é uma tristeza, uma insatisfação, o indivíduo sente-se infringindo uma lei, condena-se, e pode em certos casos, até se considerar o maior pecador e que não merece perdão. Dizem que se sentem como se lhes faltasse a liberdade, vivem numa atmosfera angustiada - escravos de um desejo não satisfeito, mas que buscam satisfazê-lo no todo o sempre - e na condição de um devedor cuja dívida não conseguem pagar.

### **Considerações finais**

Notou-se, a partir das respostas dessas entrevistadas, que não há uma clara distinção entre sentimento de culpa e pecado. O que se percebe é a existência do binômio: pecado/culpa e moral – cuja transgressão da verdade e dos valores (dos Deuses, do Deus e/ou do Superego) resulta na angústia, que as torna cada vez mais distantes de si e dos seus. Concluimos, portanto, que o "homem" é muito maior que a noção de pecado e a relação que o homem ocidental faz entre pecado e culpa, principalmente a partir do Cristianismo. Porém, o esclarecimento do homem quanto as suas transgressões internas e/ou externas pode propiciar maior compreensão de si, de seu funcionamento psíquico e a busca de novos caminhos para o aperfeiçoamento de suas virtudes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bíblia Sagrada** – Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

Boss, M. **Angústia, culpa e libertação**: ensaios de psicanálise existencial. Tradução: Barbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

Carrón, J. Haec est generatio quaerentium Eum, quereitium faciem Dei Iacob, 1998 *in* Silva, M.P.N. **Moral no catecismo da Igreja Católica**. Resumo disponível na Internet: <http://www.hottopos.com.br> (em 10 de janeiro de 2003).

**Catecismo da Igreja Católica (CC)**. São Paulo – Rio de Janeiro: Eds. Paulinas, Loyola, Ave-Maria e Vozes Ltda., 1993.

Freud, S. **Atos obsessivos e práticas religiosas** *in* Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, v. 9, 1907.

Freud, S. **As relações dependentes do Ego – O Ego e o Id -** *in* Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, v. 19, 1923a.

Freud, S. **O Ego e o Superego (Ideal do Ego)** *in* Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, v. 19, 1923b.

Kusnetzoff, J.C. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 185.

Mezan, R. **A vingança da esfinge**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p. 252-70.

Noya, J.A.M.B.; Garcia, D.C.D. **Personalidade Humana**: guia prático de estudo. São Paulo: Edicon, 2002, p. 55.

Silva, M.P.N. **Moral no catecismo da Igreja Católica**. Resumo disponível na Internet: <http://www.hottopos.com.br> (em 10 de janeiro de 2003).

Torellò, J.B. **Psicanálise ou Confissão**. Lisboa: Coleção-Éfeso, Imprimatur, 1967.